

PREFÁCIO*

A obra, *Neoconservadorismo, ataque aos direitos humanos e religiosidades: posicionamentos urgentes ao Serviço Social*, mostra-se à baila em um convite instigante para pensarmos no Brasil profundo, no contexto histórico que nos contém. É um estudo corajoso e desafiador à sociedade brasileira e ao Serviço Social, organizado pelas estimadas colegas, assistentes sociais, Professoras Pesquisadoras do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, Prof.^a Dra. Lúcia Maria da Silva Soares; Prof.^a Dra. Lucília Carvalho da Silva e Prof.^a Dra. Kátia Regina de Souza Lima.

Prefaciando este livro em movimento, cheio de partilhas, me tomou de uma alegria e responsabilidade muito especiais. Sentimentos dos quais me fizeram embalar à reflexão na desmistificação do cotidiano. Eis um estudo engajado sem perder a cientificidade e a radicalidade do método onto-crítico, em que se mostra no avesso do mesmo lugar. Dessa forma, esta obra em foco, nos presenteia com questões estratégicas que devem ser construídas nas trincheiras de ideias em uma agenda programática democrática para o País.

Um país que escorre sorrisos pela boca, de coração “mole”, mas convive com o drama histórico do autoritarismo expresso amiúde no conservadorismo e neoconservadorismo. Assim, dilaceram-se vidas, vozes, culturas, o fazer, o cantar e o embalar da vida cotidiana. O refazer-se na subjetividade atravessado pelo “silêncio” de que há sempre o perigo iminente na esquina e na antessala.

Apresenta-se um livro sensível às leitoras e leitores. Este abre uma tese basilar imanente para pensarmos nos sentidos de um País com “As Ideias fora do lugar”, como na obra clássica de Robert Shwarz (2014). Os textos que o compõe revelam questões que cortam na navalha a vida cotidiana e pulsam a realidade brasileira nas suas reais contradições embebidas de virulentas formas de expropriações e apropriações no mar-

*DOI – 10.29388/978-65-81417-79-6-0-f.13-18

co do capital-imperialismo. O estudo rigoroso no trato teórico-metodológico deixa sair pelos poros a perspectiva de historicidade muito bem sofisticada.

Em tempos de conservadorismos e neoconservadorismo esvai-se o projeto de desenvolvimento da humanidade em uma perspectiva humanista e racionalista, a partir das ciências mais avançadas e dos saberes populares. O mundo sensível e a práxis dos povos originários, das águas e das florestas, indígenas, quilombolas, ribeirinhos e camponeses. As ciências e os saberes das periferias, das cidades e das matas. A arte e a cultura que no “cio da terra” faz brotar o trigo. No chão há marcas, sementes e o labutar o pão.

Estamos imersos em uma pandemia provocada pela COVID-19, que não chegou ao fim, com aproximadamente, trinta e três milhões quinhentos e seis mil duzentos e oitenta e dois testes positivos e notificados desde o início da pandemia no país. A arma das ideias se ergue de punhos fechados para dizermos aqui que estamos na maior biodiversidade do planeta, e é daqui da periferia do capital-imperialismo, latino-americano, ontologicamente, que poderá efervescer toda força da nossa amerifricanidade. Lutas e poesia nas batalhas cotidianas da lida diária em uma sociedade marcada pelo autoritarismo. E como bem nos assevera Florestan Fernandes (2015), a vida social comum à fasticização. O que é exceção se mostra como regra!

O Congresso da bancada do boi, da bala e da bíblia, desafia-nos através da representação *sui generis* de um presidente da República, o inominável “Messias” com suas agruras proselitistas. Respalda pelas milícias e por representações evangélicas neopentecostais e alguns segmentos católicos, através da imposição do lema: “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”. Não nos esqueçamos que, recentemente, fora aprovada a lei que institui o Dia do Cristão. Dissolve-se assim, na prática da vida política o Estado laico, republicano, democrático e de direito. E, o mais assertivo, é o quanto o arcaico, o velho, refaz-se neste “novo”, em uma justaposição que marca a herança conservadora,

contrarrevolucionária, sob o caráter de dependência de nosso capitalismo desigual e combinado.

O Estado aliado à burguesia antinacional extermina defensores e defensoras de direitos humanos no campo e nas cidades, nas florestas e nas periferias; elimina todos os dias jovens negros e negras com a prática genocida. Crianças e adolescentes são atravessados pelas balas de uma polícia que não realiza segurança pública. As mulheres vítimas de violências diversas, física, moral e psicológica, patrimonial, sexual e, em especial, do feminicídio. As mulheres - no Estado moralista cristão, em nome da família conservadora e reacionária - são vilipendiadas contra o direito à autonomia de seus próprios corpos. Os grupos LGBTI+ são vítimas de práticas de homofobia, lesbiofobia e transfobia, radicalmente exterminadoras. Religiões de matriz africana através de terreiros candomblecistas e umbandistas têm suas expressões de religiosidades e cultos expostos ao escárnio, deboche e ao virulento racismo religioso.

Ora, este mesmo Brasil de coração mole deixa escorrer sangue entre os dedos através do ultraneoliberalismo (BEHRING, 2019) e de práticas neofascistas. As palavras são cortadas ao meio pelo racismo estrutural, ambiental e religioso. As marcas de um Estado autoritário que se constituíram na sociedade de classes à brasileira ergueram face a face o racismo, machismo, misoginia, homofobia e o monoteísmo judaico-cristão. Assim, negara a realização de uma política programática de inserção dos negros e das negras no mercado de trabalho e na política educacional brasileira.

É tocante pensarmos a mulher negra e o homem negro em nossa sociedade de classes à brasileira. Toda herança do escravismo negro e indígena se compôs em um movimento anti-humanista de expropriações a apropriações dos corpos femininos. O que se impõe no presente, pois coloca-se em xeque a própria acepção do trabalho livre através da superexploração da força de trabalho e de intensas formas dos pródigos trabalhos forçados de homens, mulheres, crianças, adolescentes, idosos, em fazendas, carvoarias, madeireiras, em diversas regiões deste nosso

País, com importantes denúncias de violação de direitos, pela Comissão do Trabalho Escravo do Ministério Público do Trabalho.

Revela-nos, portanto, que a emancipação política é um componente tático e estratégico fundamental para pensarmos a emancipação humana em suas múltiplas possibilidades e potencialidades. E aqui, em uma unimultiplicidade, nas *Veias Abertas da América Latina*, as questões étnico-raciais, as religiosidades, as relações de gênero, a superexploração do trabalho, a livre orientação sexual na diversidade humana, merecem o cuidado no projeto de igualdade sem opressões que para nascer com vigor terá como regra precípua a liberdade e a diferença.

Ora, sonhos e vidas são liquidificados pela sacralização do poder do capital. Um contexto muito sentido na sociedade brasileira, o desemprego, hiperinflação e carestia. Há fome! Ataques à educação brasileira, em especial à universidade pública. Vejamos que não se faz uma nação sem as ciências, tecnologia, cultura e arte. Erguer um projeto de nação democrático-popular a partir das históricas lutas “dos de baixo” (IANNI, 2019), é uma tarefa urgente.

De tempo em tempo “nossa” revolução burguesa antinacional revela-nos o drama vivido por seu povo que lhe fora usurpado o direito em constituir-se em cidadão. A alma do capital transmutada em mercadorias, reifica e coisifica a cena da vida cotidiana e do real insuprimível de sua mistificação na *Divina Comédia*. Assim, vai se traduzindo o nosso sonhado Brasil que não caminha em águas tranquilas com a democracia.

Para o Serviço Social, as tarefas urgentes se encontram em nosso projeto profissional construído nas escolhas, caminhos, trajetórias e posicionamentos em defesa da vida e a extinção das diversas opressões e exploração. A maturidade intelectual trilhada no interior da profissão, protagonizada pelas vanguardas, marcada pelas massas críticas da esquerda de tradição marxista tem no lócus teórico-metodológico, técnico-operativo e na dimensão ético-política um longo caminho em uma totalidade da vida social que se impõe, contraditoriamente, na sociedade de classes.

No mesmo interior, o combate ao (neo)conservadorismo é uma tarefa que deverá estar alicerçada na formação profissional qualificada, crítica e fundamentada nos aportes teórico-críticos da teoria social marxiana e da tradição marxista. Analisar as marcas do passado brasileiro e sua conjuntura atual é um movimento intelectual, histórico, político e cultural que se impõe à formação de assistentes sociais pesquisadores. Reconhecer as marcas de nossa herança conservadora para o enfrentamento crítico, teórico e político do seio neoconservador presente na profissão na contemporaneidade, como nos alertara Yamamoto (2019).

Apropriar-se dos fundamentos históricos, teóricos e metodológicos da profissão é também a investida intelectual da profissão de superação da dicotomia teoria, método e história. Em especial, reconhecer que a base sincrética da profissão analisada por Netto (2009) e Soares (2018), se refaz na contemporaneidade. Analisar os meandros da natureza da sociedade de classes à brasileira, as marcas de nossa ancestralidade “amerifricana” como destacava Lélia Gonzalez (2020). Em nossa cosmovisão, em uma perspectiva ontológica, reconhecer a história de nossos ancestrais, povos originários, maias, incas, astecas, negros africanos e indígenas.

Eis uma tarefa para todas (os) assistentes sociais. Um livro que nos convida e ensina-nos a descortinarmos nosso mosaico brasileiro, *Neoconservadorismo, ataque aos direitos humanos e religiosidades: posicionamentos urgentes ao Serviço Social*.

Ubuntu!

Rosenária Ferraz de Souza
Cachoeira-BA, inverno de 2022

Referências

BEHRING, Elaine Rossetti. Ajuste fiscal permanente e contrarreformas no Brasil de redemocratização. In: SALVADOR, E; BEHRING, E.; LIMA, R. L. (orgs.). **Crise do capital e fundo público: implicações para o trabalho, os direitos e a política social.** São Paulo: Cortez, 2019.

FERNANDES, F. **Poder e contrapoder na América Latina.** São Paulo: Expressão Popular, 2015.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo Afro-latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Org. Flávia Rios, Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IAMAMOTO, M. V. Renovação do Serviço Social no Brasil e desafios contemporâneos. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 136, p. 439-461, set./dez. 2019.

IANNI, Octavio. **A ditadura do grande capital.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SCHWARZ, Roberto. **As ideias fora do lugar: ensaios selecionados.** São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

SOARES, Lucia M. da S. Soares. **Estrutura sincrética do Serviço Social e Intenção de Ruptura.** Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Serviço Social, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, 2018, 187 f.